

Luiz de Novaes

Allegação Juridica

POR

Luiz de Novaes



*Accão de investigação de paternidade illegitima na hypothese
do n.º 1.º do art. 133 doCodigo Civil*



BARCELLOS—1900

Typographia Barcellense

de Augusto SOUCASAUX



7.9
OV



Allegação Juridica

NA

ACÇÃO ORDINARIA

DE

Investigação de paternidade illegitima,

Pendente no Juizo de Direito da comarca

DE

Vianna do Castello

E EM QUE SÃO

AUCTORA:

Ermindada Graça, menor,

representada por sua mãe

Anna Maria Gonçalves d'Araujo

E

REOS

*SEUS TIOS:—Maria José Gomes e marido,
Luiz José Gomes e mulher, José Antonio Gomes,
viuvo, Francisco de Salles Gomes e mulher, An-
gelica Clementina Gomes;—o Delegado da co-
arca e interessados incertos.*

Pelo advogado d'aquella

*Luiz José de Abreu do Couto de
Amorim Novaes*

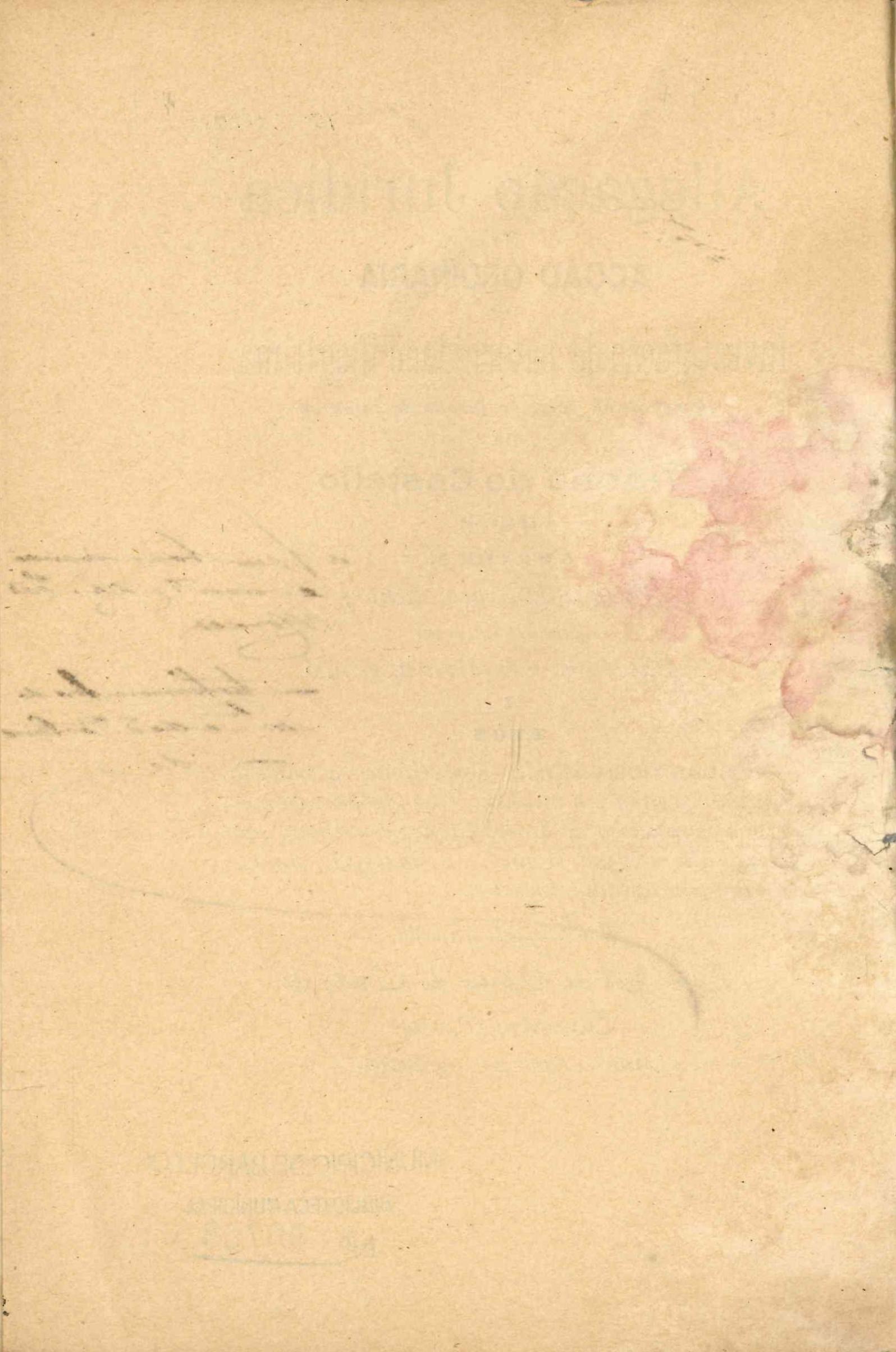
Advogado e Notario Publico em Barcellos

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

N^o 60708

Barceliana



SUMMARIO

O nosso antigo direito era de uma excessiva amplitude e facilidade para estas investigações.

O Codigo civil—apesar de ter por fonte mais abundante das suas disposições o codigo civil francez—abandonou os **principios restrictivos**, consignados n'este, estabelecendo o equilibrio entre elles e as tendencias de demasiada **amplitude** da nossa antiga jurisprudencia, regulando e precisando os **requisitos** d'esta acção, mas não proscrevendo-a.

Os tribunaes—com darem provimento a acções d'esta ordem, intentadas, inclusivé, por **filhos sacrilegos**—teem consagrado a jurisprudencia de que o respeito pelas conveniencias de **ordem moral e social** não devem sacrificar os legitimos interesses d'aquelles, que, pelos laços de sangue, teem inauferviveis direitos a succeder aos que lhe deram origem, embora em ligações, irregulares perante a lei e reprovadas pelos **bons costumes**.

Requisitos, de que está dependente a **procedencia** da acção de que se trata.

Em que consiste a **legitimidade** da Auctora.

Em que consiste a **posse de estado**.

As opiniões dos jurisconsultos francezes resentem-se dos principios consignados no seu código.

O art. 115 do nosso código é exagerado, pelos que sustentam que o pensamento d'elle foi proscriver estas acções.

*O Código, pelo contrario, quiz favorecer a sorte dos **perfilhados**, facultando-lhes esta **acção** em duas **hypotheses**, depois da morte dos pretensos paes.*

Alguns principios de hermeneutica juridica, que com o caso se relacionam.

Demonstração:—

*a) de que a Auctora tem a seu favor a **posse de estado**, com todos os **requisitos**, que, legal e razoadamente, a devem caracterisar; e*

*b) de que ha nos autos **prova legal e sufficiente** da sua **filiação**, feita tambem a par da lei e das **boas praticas**.*

Allegações por parte da Auctora menor Erminda da Graça

Questão de direito

Estamos n'uma **acção** de **investigação** de **paternidade illegitima**, intentada depois da **morte** do pretenso pae e na hypothese do n.º 1.º do art. 133, combinado com o art. 130, n.º 2, do Cod. Civ.

O Codigo veio—para bem dizermos—estabelecer a **estatica** entre a nossa **jurisprudencia tradicional**, demasiadamente facil no assumpto, e as **restricções** do art. 340 do Cod. Civ. francez, que declarara interdita a **acção** de **investigação** de **paternidade**, a menos no caso de **rapto** da mãe ou quando ella houvesse sido levada por **seducção** da casa paterna, coincidindo a epocha d'esses **factos** com a da **concepção**; e, ainda n'este caso, a declaração da **paternidade** do **raprador ou do seductor** ficava dependente da **prova** das demais circumstancias, que a podessem carectisar (§ § 1.º e 2.º do cit. art.)

Na vigencia do nosso **antigo direito**—não sendo o **filho illegitimo** procedido de **coito damnado**, nem de **pae nobre**—podia vir, livremente, a juizo com uma **acção** d'esta ordem, que lhe era julgada **procedente** sempre que pro-

vasse por **indícios** ou **conjecturas graves**, que, realmente, era **filho** do **pae**, que se attribuia (Coelho da Rocha, **Inst.^s** de Dir. Civ. Port., § 300 e nota).

O direito civil francez prohibiu-a—como pondera **Zachariae. Droit civil francais**, vol. 1^o, pag. 330—por motivos de interesse da **ordem e moral** publica e com o fim de evitar o **escandalo** de investigações d'esta ordem, que, muitas vezes, podem ser determinadas só pelos intuitos de o auctor se locupletar com a herança do finado e pretense pae.

O nosso Cod. entendeu, e bem, que devia conciliar as tendencias de **amplitude e facilidade** para estas **investigações**, auctorizadas pelo **direito antigo**, com as conveniencias de **ordem e moral** publica, que em França tanto preoccuparam o legislador, com sacrificio dos direitos d'aquelles, que—pelos laços de sangue com o finado e, até, como reparação pela irregularidade do acto, que lhes deu origem—deviam succeder-lhe e aproveitar-lhe a fortuna.

O nosso Codigo estabeleceu, pois, o equilibrio entre a excessiva **amplitude**, que a nossa **antiga jurisprudencia** dava á **acção de investigação de paternidade illegitima** e as **restricções**, por egual demasiadas, do Cod. Civ. Francez, que, aliás, foi—como é bem sabido—a fonte mais abundante das suas disposições.

O seu pensamento foi estabelecer, regular, precisar os **requisitos** d'esta **acção**, mas não difficultal-a, nem proscreevel-a, como já se sustentou em a nossa **imprensa juridica**.

Salvo o devido respeito por toda a opinião em contrario, parece-nos ser esta a doutrina mais viavel sobre o assumpto, de que, aliás, pouco se tem occupado os nossos juriconsultos e tem por si

felizmente a consagração das **decisões**, constantes, dos tribunaes, onde—provados os requisitos legais—jámais se denegou provimento a **acções** d'esta ordem, intentadas, inclusivé, por **filhos sa-crilegos**, com as preocupações absorventes do direito civil francez de um excessivo respeito, pela **ordem** e pela **moral** social.

Abundam os **arestos judiciaes** e em especies diversissimas; mas julgamos ocioso e, até, superfluo cital-os, aqui, por bem conhecidos e por não ser, seguramente, extranha essa corrente dos tribunaes ao muito douto julgadôr.

A procedencia d'esta acção está, pois, dependente da verificação dos **tres requisitos** seguintes:—

- 1.º) **legitimidade** da Auctora;—
- 2.º) prova da **posse de estado**, nos termos do art. 115 do Cod. Civ.; e
- 3.º) prova de todos os **indicios** e **conjecturas graves**, que realmente convençam de que a A. é **filha** do pretenso **pae**, completando-se, assim, o **reconhecimento**, já effectuado, pela **posse de estado**, sem que esta possa ser malsinada de encobridôra das antigas e proscriptas **adopções**.

Legitimidade da Auctora

Quanto á **legitimidade** da A. para esta **acção**, não pode haver a menor duvida, em vista do disposto no precitado art. 133, n.º 1, do Cod. Civ. porque foi ella trazida a juizo durante a **menoridade** da A., achando-se ella devidamente **representada** em juizo por sua **mãe** e legitima administradora e tendo esta recebido, para esse fim, a competente **outorga** de seu marido (Vide pet. inicial de fls. 3 a 7 e **procuração** de fls. 12).

Não pode haver a menor duvida a este respeito, e nem os R. R. a contestaram.

Posse de estado

Pelo que respeita á prova da **posse de estado**, tambem não é licita a menor duvida, em vista do que ahi consta dos autos, como adeante vamos demonstrar, fazendo—tão succintamente, quanto possivel—a apreciação da **prova** produzida, por uma e outra parte.

A **posse de estado** define-a o preceit. art. 115.

Consiste no facto de o **filho** ter sido **reputado e tratado** como tal, tanto pelo pretenso **pac**, como pela **familla** d'este e pelo **publico**.

Isto e sómente isto; porque tem havido quem exija mais, ou seja o tratamento **publico e constante** por parte dos pretensos **paes**, o que nem sempre se pode provar, por motivos de diversa ordem.

Bem sabemos que Demolombe, **Traité de la paternité et de la filiation**, pag. 217 e 486, faz consistir a **posse de estado** no *tratus et fama*, definindo o

Tratus da seguinte forma:—

«Il faut que ceux dont l'enfant se prétend issu l'aient effectivement traité comme leur enfant, qu'ils l'aient élevé, entretenu, établi même comme tel, si l'age de l'enfant l'a permis; qu'ils aient, en un mot, *publiquement et constamment*, rempli, envers lui, les devoirs d'un père et d'une mère envers leur enfant.»; e a

Fama, nos termos seguintes:—

«Il faut qu'ils l'aient toujours présenté comme leur enfant á leur famille, á leurs amis, á leurs connaissances, et que la famille, et toute lá société l'aient toujours en effet reconnu et considéré comme tel.»

Mas—e por escusado temos a insistencia sobre este ponto—tanto este, como os demais commentadores do direito civil francez, estavam adstrictos á **lettra da lei**, que declara **interdicta a acção de investigação de paternidade illegitima**,

a não ser no caso excepcional, precedentemente notado e que, raras vezes, se verifica da coincidência do **raptó** da mãe ou da sahida, por : **educação**, da casa paterna com a concepção; ao passo que o nosso Código alargou a esphera d'aquella **acção**, conciliando, pela fôrma já exposta, as tradições da nossa jurisprudencia com o respeito pelas boas e sensatas indicações da **ordem**, da **moral** e da **conveniencia** publica; porque, desde que o **páe** e a **familia** reconheceram, acceitaram e trataram—uma **vez só** que fosse—o **filho** como tal, não podem nem devem os tribunaes deixar de acceitar e sancionar esse **reconhecimento** insuspeito, para todos os effeitos, que, a par da lei, possa ter. (Cod. Civ., cit.^s art.^{os} 130, n.^{os} 1, 2 e 3 e 133, n.^{os} 1 e 2).

Não póle, portanto, argumentar-se com a **letra** da **lei** e com as opiniões dos juriconsultos francezes, porque outras **disposições os regiam**, outras idéas e outros principios os orientavam.

Demais, o art. 115 do Cod. Civ. não precisa de ser exagerado.

Está inscripto sob a epigraphie da «**prova da filiação legitima**», é n'ella, mais facil é, do que na «**prova da filiação illegitima**», o concurso simultaneo dos **requisitos**, que ahi se exigem, para se haver por feita a prova da **posse de estado**, isto é:—

que o filho seja **tratado e reputado** como tal, tanto pelos pretensos **pes** e pela **familia** d'estes, como pelo **publico**.

E, porisso, que o referido artigo diz:—«a **posse de estado, n'este caso**», isto é:—quando seja invocada para prova da **filiação legitima**...

Mas—nem porisso e apezar da discussão, em tal sentido levantada no seio da **commissão revisora**, a proposito do art. 116 do projecto do Cod. Civ., correspondente ao art. 115 do Cod. vigente—se consignou, na letra d'este artigo, o **tra-**

tamento constante, dado pelo **pae** ao filho e pelos seus **parentes**.

O art. 130, § 2.º, exige—é certo—que a **posse de estado** seja provada, nos termos do art. 115; e, conseguintemente, tem de satisfazer aos **requisitos da reputação e tratamento**, cumulativos, como **filho**, tanto por parte do pretenso **pae** e pela **família** d'elle, como pelo **publico**.

Isto, porém—que já é excessivo, porque, principalmente, a **família** é sempre interessada em não dar tal **tratamento** ou, pelo menos, a furtar-se a dal-o em **publico**—não póde, de forma alguma, ser aggravado, quando a **posse de estado** haja de ser invocada para prova da **filiação illegitima**.

A **interpretação** contraria conduziria a conclusões falsas e a decisões injustas; e é principio de **hermeneutica juridica**, que, em taes condições, deve a **lei** ser interpretada, pela forma mais **racional e equitativa** ou em **termos habeis**, segundo a phrase consagrada do fôro, sendo o seu rigor temperado nas modificações da **equidade** (**Theoria da interpretação das Leis** de Corrêa Têlles, §§ 1.º, 3.º, 4.º, 13.º, 18.º, 25.º, 30.º e 37.º).

Além d'isso, foi este, manifestamente, o **espirito** ou a **intenção** do nosso legislador, que quiz **favorecer** a sorte dos **perfilhados**, facultando-lhes, até, meios de fazerem vingar os seus direitos, em duas hypotheses, **depois da morte** do pretenso pae; e é, tambem, preceito de boa **hermeneutica**, que a **lei** cujo intuito é **favorecer**, se deve interpretar com a **extensão**, que pode dar-se aos **motivos do favor**, alliançados com os da **equidade**.

E' bem conhecido o brocardo juridico—**favorabilia amplianda, odiosa restringenda** (Corrêa Têlles, obr. cit. §§ 63 a 68; Coelho da Rocha obr. cit., § 45, n.º 12 e not.)

E, emfim, é também regra de **hermenêutica**—e, no caso occorrente, a fundamental e que cumpre ter sempre em vista, pelas **razões históricas** expostas—que as **leis novas** se devem interpretar, pelas **antigas**, segundo a sua **intenção commum**, em tudo que não fôr expressamente derogado pelas **primeiras** (Correia Telles, obr. cit., §§ 81 a 85; e Coelho da Rocha, obr. cit., § 45, n.º 8).

E—como já ponderamos e o ensina **Coelho da Rocha**, § 300 e nota—na **acção de filiação illegitima**, segundo o nosso **antigo direito**, era admissivel toda a especie de prova, que podesse levar ao espirito do julgador o convencimento da reclamada **pateridade**.

Não podia, conseguintemente, deixar de se haver como provada a **posse de estado**—**requisito** essencial para a procedencia d'esta acção—uma vez que os autos constatassem que a Auctora fôra **reputada e tratada** como **filha** pelo pretenso **pae** e, simultaneamente, por **pessoa** ou **pessoas** da **familia** d'elle e pelo **publico**, ainda que esse **tratamento**, por parte dos **pae e da familia**, não fosse **constante e publico**.

Mas em melhores condições está a Auctora—como se vae vêr pelos depoimentos de todas as suas testemunhas e, até, em parte, de algumas dos Reus; porque se virifica que esse **tratamento** lhe foi dado, não só na **intimidade** familiar, como em **publico**, e, se não **constantemente**, em todo o caso, por bastantes annos na **infancia** d'ella e ainda **recentemente**, depois de **moça**.

Testimunhas sobre a posse de estado

A primeira testemunha—Antonio Correa da Silva—foi o **padrinho** da Auctora a **pedido** do pae—(V. fls. 90 v.)

Pagou as **despezas** do baptisado, com dinheiro que **elle** lhe **forneceu**, para esse fim (V. fls. 91 e v.º)

Tomou conta da Auctora, a **pedido** do mesmo Gomes, com fundamento de que o actual **padrasto** a não tratava bem e mediante a **mensalidade** de 3\$000 rs., que elle lhe pagava (V. fls. 92 v.º e 93).

O Gomes manifestou-se-lhe—sempre e sem o menor rebuço—como **pae** da Auctora e assim a **tratava** na sua presença, tendo ouvido dizer que—quando ella lhe apparecia e lhe **pedia a benção**—lh'a **dava** (V. fls. 93 v.º).

Um **primo** da Auctora—que era empregado no estabelecimento do Gomes—pediu á testemunha para obter d'este o seu **consentimento e auxilio** para o **casamento** que projectava fazer com a mesma Auctora.

O Gomes—fallando na **dispensa** e nas **despezas** inherentes—concluiu:—... «pois que arranjem lá isso, que nada lhes ha de faltar.» (V. fls. 94).

Ouviu dizer que os **irmãos** do fallecido Gomes (os R. R.) mostraram vontade de contemplar a Auctora com **alguma coisa** (V. fls. 94 v.º).

No publico, sempre tem ouvido **tratar e considerar** a Auctora como **filha** do Gomes, sendo, de mais a mais, certo que até se **parece muito** com elle (V. fls. 95).

A 2.ª testemunha, de nome Olinda Martins, foi **creada** do finado Gomes, por uns 4 annos, haverá 24 e lá encontrou já a mãe da Auctora (V. fls. 97).

Viu que duas **irmãs** do finado Gomes, uma d'ellas ainda viva, lhe manifestaram vontade de vêr a Auctora, então **recem-nascida** e—mandando-a o dito Gomes buscar—a tomaram ao **collo, amimando-a** ambas e dizendo que se **parecia muito** com elle, como, realmente, a testemunha entende que se parece (V. fls. 98 e v.º)

O Gomes entendeu-se coim o **padrinho** da Auctora, afim de a levar para a sua companhia, em consequencia de ser maltratada pelo actual **padrasto**. recebendo porisso, 100 reis diarios, que o dito Gomes lhe pagáva (V. fls. 108).

Pelo **ver e ouvir**, sabe que o Gomes sempre **tratara** a Auctora como sua **filha** em **publico, vendo-o**, ás vezes, ser abraçado por esta na rua, quando pequena, e dar-lhe a **benção** e, até, algumas moedas de cobre (V. fol. 108 e v.)

Tem ouvido dizer á **visinhança** e no **publico** que a Auctora, já depois de **moca**, se dirigia ao Gomes, onde quer que o encontrasse, pedindo-lhe a **benção** e, até, ás vezes, **dinheiro** accentuando que isso ainda se déra, pelas festas da Agonia de 1898, e que o Gomes correspondia a esse pedido, dando-lhe a **benção** e alguma coisa para uma prenda (V. fls. 109 v.º)

Ouviu dizer que um dos Reus, presentes á discussão e cujo nome ignorava, se promptificára a dar á Auctora **metade** do seu **quinhão** (V. fls. 110).

No **publico** é corrente—sem voz em contrario—que a Auctora é **filha** do Gomes, que foi conhecido pela alcunha do **Pandilha**, e que este, até, a quizera **perfilhar**, tendo manifestado que o **que tinha havia de ser para ella** (V. fls. 110 e v.º).

A 3.ª testemunha—José Começanha—foi **visinho** e **antigo amigo** do finado Gomes.

Os **padrinhos** da Auctora (a 1.ª testemunha e a mulher Bernardina) haviam-lhe dito, antes d'esta accção vir a juizo, que o Gomes fôra quem os **convidara** para esse fim, pagando as **despe-**

zas do baptisado e que lhes pagara, depois, 100 reis diários pelo sustento da Auctora, enquanto a tiveram na sua companhia.

E explica que fallára a tal respeito com os **padrinhos** da Auctora, porque esta já havia estado em sua casa como **creada de servir**, pelo menos por duas vezes, fugindo d'ahi para casa d'aquelles (V. fls. 117 e v.º)

Tendo a Auctora pouco mais de 3 annos, viu-a por casa do Gomes tratando-o por **pae, amarrando-se** a elle e pedindo-lhe um vintem.

E elle **acolhia** esse tratamento, **acarinha-va** a pequena, **pegando** n'ella, **beijando-a** e dando-lhe o que lhe pedia (V. fls. 125 v.º e 126)

Mais tarde, a Auctora veio **servir** para casa d'elle testemunha e, depois, sahiu quando andava nos ajustes de **casamento** com o **primo**, mas desfeito esse casamento, voltou outra vez para a casa d'elle testemunha (V. fl. 126)

Lá em casa o Gomes, por uma ou duas vezes —olhando-a de soslaio, mas sempre com interesse, como costumava—disse, na presença d'elle testemunha:—«estás em casa onde te façam mulher; se tiveres juizo hade-te ficar pão para comer» (V. fls. 126 v.º)

N'outra occasião, o Gomes—fallando ácerca de **casamento desfeito**—censurára o **sobrinho** e dissera:—«que tanto se resentira d'isso, que lhe declarára que o admittia em casa, por não ter quem lhe fizesse o serviço, de que estava encarregado, porque, do contrario, não lhe poria lá os pés e que não admittiu em casa a rapariga, que, depois, casou com o mesmo **sobrinho**» (V. fls. 126 v.º e 127).

O Gomes, na ausencia da Auctora, tratava-a por **filha**:—presenceou-o, por vezes, a testemunha.

O **publico** considera, tambem, a Auctora como tale, de facto, é ella tão **parecida** com elle, que, até nos **pés**, se nota essa semelhança.

Veja-se fls. 127 e v.º e note-se que, segundo os physiologistas, é no craneo, pés e mãos, que as **parecências** mais se costumam accentuar.

Ouviu dizer que o Gomes fallara ao tabellião Alves na **perfilhação** da Auctôra (V. fls. 128 v.º)

A 4.ª testemunha, mulher da antecedente, foi **visinha** e muito do conhecimento do Gomes.

Soube, por este, que elle convidara os **padri-nhos** e que pagara as **despezas** do baptisado (V. fls. 134 v.º e 146 v.º).

Presenceou, por vezes, em sua casa e na do proprio Gomes, elle **acolher bem** a Auctora, quando **creanca**, recebendo o **tratamento** de **pae** e dando-lhe **doces**, um vintem para **«ricos»** e **castanhas** e, até, de uma vez, 50 reis em prata.

Elle não deitava bando de que a Auctora fosse sua **filha**; mas não deixára nunca de a **receber** pela forma dita, até aos cinco annos de idade, tratando-a como **filha**, sempre que ella apparecia a pedir-lhe a **benção** e a chamar-lhe **pae**, isto tanto na **casa** d'ella testemunha, como na **d'elle** e até na **rua** (V. fls. 142 v.º e 143 e 148 e v.º).

Quiz mettê-la no **asylo** de irmãs de caridade, dando á testemunha **meia libra**, para a compra de algumas peças de **enxoval** e dizendo-lhe que dêsse, afinal, sua **conta** (V. fls. 143 v.º. **N'este sentido fallaram tambem as de fls. 109 e 118 v.º**).

Ouviu dizer que o Gomes dêra aos **padri-nhos** da Auctora um tostão por dia para a ter em sua companhia. (V. fls. 143 v.º).

Fallou ao Gomes para tomar conta da Auctora, depois que ella veio de Moledo, teria 12 annos, e elle disse-lhe:—«que a não podia receber, porque ella estava a crescer e era necessario quem a vigiasse; e que elle não o podia fazer, em razão das suas occupações; e a irmã Angelica se entregava, só, ás suas **devoções** e não podia andar a ter conta n'ella» (V. fls. 144 e 149)

Diz que o Gomes gostava de a ver em casa d'ella testemunha e que, por vezes—remirando-se n'ella—dizia para a mesma testemunha:—«estás em casa, onde te façam mulher; se te portares bem, hei-de deixar-te que comer»; e—quando ella

sahia lá de casa—dava mostras de não gostar, chamando-lhe **maluca** e reparando no habito que tinha de fugir das casas, para onde tinha ido **servir** (V. fls. 144 v.º).

A Ré Angelica—**presenccou-o**, por vezes—era **tratada** por **tia** pela Auctora, e recebia esse tratamento e, até, uma vez lhe offereceu **vinho e lamparões** (V. fls. 145)

Ouviu dizer ao tabellião Alves que o Gomes lhe fallara na **perfilhação** da Auctora e na **forma** de a effectuar (V. fls. 146)

No **publico** é a Auctora considerada como **filha** do Gomes, por alcunha o **Pandilha** e nunca se lhe attribuiu **outro pae** (V. fls. 145 v.º)

Um **filho** do Reo Luiz quizera **casar** com a Auctora, a quem chamava **prima** e chegára a ir a casa do abbade da Matriz, para tratar da **licença**, mas que este lhe disséra que, sendo parentes, era preciso uma **dispensa**, muito custosa (V. fls. 149 v.º).

A 5.ª—Bernardina da Conceição—foi a **madrinha** da Auctora, a **pedido** do Gomes, que assim se dirigiu ao homem d'ella testemunha:—«vos sê e a mulher vão baptisar a **minha filha**, que me obsequiam com isso?»... (V. fls. 154).

E—dizendo-lhe o marido da testemunha que **sim**, mas que elle bem sabia que o dinheiro dos pobres era pouco—entregou o Gomes uma **libra** para as **despezas** do **baptisado** (V. fls. 154).

O Gomes tratava a Auctora, quando pequena, com todas as demonstrações e affectos de **pae**, sendo por ella procurado e abraçado (V. fls. 154).

N'uma occasião—tendo a Auctora faltado em casa—foi a testemunha procural-a a casa do Gomes e encontrou-a com as mãos em cima das pernas do pae, que se achava sentado e junto, tambem, a irmã Maria Rosa, hoje igualmente fallecida, achando-se ambos, muito entretidos, a **acarfubar** a pequena, e observando o Gomes á testemunha (que lhe havia communicado que a mãe não sabia para onde ella estava):—«ella para onde havia

de ir, senão para casa do **pae**?... (V. fls. 154 v.º).

Viu, por vezes, a pequena abordá-lo, mesmo na **rua**, chamando-lhe **pae** e pediundo-lhe a **benção**, que elle lhe dava (V. fls. 154 v.º).

Sabendo o Gomes que a Auctora era maltratada pelo que é, hoje, seu **padrasto**, incumbiu o **marido** d'ella testemunha de tomar conta da **filha**, mediante a mensalidade de 3:000 reis; e quiz depois recolhel-a no **asylo** das irmãs de caridade, chegando a encommendar o **enxoval**. (V. fls. 155).

Depois, foi a Auctora para Moledo, e por lá esteve annos; mas, regressando, veio procurar a casa d'ella testemunha, **remunerando-a**, então, porisso, o Gomes com cem reis diarios (V. fls. 155).

Teve occasião de verificar, por vezes, que o Gomes—tanto em **particular**, como onde quer que **encontrasse** a Auctora—continuava a receber-lhe o tratamento de **pae**, correspondendo-lhe, dando lhe a **benção**, tratando-a sempre por **filha** e **não** a **repellindo** nem **desconsiderando** nunca, citando, até, um **facto**, passado recentemente no largo de S. Domingos, indo a testemunha em companhia da Auctora (V. fls. 155 v.º, 156, 167 e 171 v.º).

Soube por uma **creada**, de nome Rosa, que a Auctora era **tratada** pelo **pae**, como **filha** e pela Ré Angelica como **sobrinha** e que a mesma Ré dissêra aquella **creada**:—«que bem sabia que a Auctora era sua **sobrinha**» (V. fls. 167 e v.º).

Viu o Reo Francisco de Salles ser abordado pela Auctora—já depois da morte do pae e no estabelecimento do Araujo, negociante na rua Oito de Maio—e pedir-lhe ella a **benção** e que lhe **desse alguma** coisa da **herança** do pae; e mais **viu** que o dito Reo—dando-lhe a **benção** e observando-lhe que estava muito crescida e perguntando-lhe por onde tinha andado—lhe dissêra:—«que bem sabia que era sua **sobrinha** e que, quanto á **herança**, alguma coisa lhe haviam de dar, mas que não andasse a dar á lingua» (V. fls. 167 v.º e 168).

Allude ao **facto** do **ajuste** de **casamento**,

em que andou a Auctora com o **primo** Manuel, filho do Reo Luiz Gomes e que como **prima** a tratava, chegando a deitar os **banhos**; e allude, tambem, ao **pedido** que o **padrinho** d'ella fez ao Gomes, para que os ajudasse e recebesse em casa, observando-lhe elle:—«vossè não sabe que elles são **primos** legitimos, que não podem casar sem **dispensa** e que eu é que tenho de pagar tudo?... Mas... que andem lá que eu, afinal, cá estou» (V. fls. 168 e v.º e 173).

Mezes antes do Gomes morrer—passando ella testemunha com a Auctora, na rua de S. Pedro, onde elle tinha uma adega—convidou-as a entrar e offereceu-lhes de beber; e—acceitando ellas—den 500 réis á Auctora, tratando-a por **filha**, dando-lhe a mão a **beijar** e dizendo para a testemunha:—«faça-a trabalhar para diante, que o trabalho é honra e eu tambem trabalhei muito e, afinal, o que é meu para ella será» (V. fls. 169).

Pelo que tem ouvido **geralmente**, a Auctora é **reputada** e **tratada** no **publico** como **filha** do Gomes não se lhe attribuindo **outro pae** (V. fls. 169).

Considera, assim—por todos os motivos—a Auctora como **filha** do Gomes e até porque se **parece muito** com elle (V. fls. 173 v.º).

A 6.ª testemunha é o tabellão Antonio José Alves.

Sabe, pelo ouvir dizer, que o Gomes tratava a Auctora como **filha** (V. fls. 176).

Em 1883 disse-lhe:—«que a **filha**, a Auctora, não seria por elle **perfilhada**, enquanto a mãe estivesse na companhia do **resnador**»—assim designava elle o **padrasto**, hoje da Auctora (V. fls. 176).

N'outra occasião—indo para a Mead'ella com elle Gomes—perguntou-lhe este se, **casando**, podia **perfilhar** a Auctora, ao que elle testemunha responden respondeu que **sim** e que, até, lhe fazia essa **perfilhação** (V. fls. 176 e v.º).

Ouviu dizer ao negociante Araujo da rua Oito

de Maio que no seu estabelecimento, se encontrara o Rei Francisco de Sallés com a Auctora, a qual lhe chamou **tio** e lhe pediu a **benção**; que elle lh'a déra, e—pedindo-lhe ella alguma coisa da **herança do pae**—disse-lhe:—«que se portasse bem e não lhes fizesse **más auzencias**, que, quando fizessem a partilha, lhe haviam de dar alguma coisa» (V. fls. 177).

Isto passou-se—como é bem de ver—depois da morte do Gomes, assim como o ter-lhe dito o negociante Antonio da Costa Jacome que os Reus lhe haviam promettido dar á Auctora umas **casinhas** (V. fls. 177).

Sabe, pelo **ver**, que a Auctora teve namoro com o **primo** Manuel, ouvindo dizer ao mulheiro, que os presencava entretidos:—olhae que é preciso **dispensa...**» (V. fls. 177 v.º).

Domingos Gonçalves de Barros, negociante, disse-lhe que o dito **sobrinho** do Gomes lhe havia pedido que soubesse d'este se—casando-lhe com a **filha**—lhe continuaria a dar trabalho em casa; e que—desempenhando-se elle Barros d'essa missão—o Gomes lhe retorquirá:—«E quem paga a **dispensa?**...»

Não sei, disse o Barros.

«Pois que casem, que trabalho não lhes hade faltar»—concluiu o Gomes. (V. fls. 177 v.º e 178).

No **publico** é a Auctora **tida e considerada**, sem voz em contrario, como **filha** do Gomes, de quem é o **retrato fiel**, não tendo jamais ouvido attribuir-lhe outra **paternidade** (V. fls. 178).

A 7.^a testemunha—o reverendo João Manuel Alves, abbade da Matriz—assevera o facto de, em 1897, a Auctora ter feito **proclamar** o seu casamento com Manuel Gomes da Silva, filho do Rei Luiz José Gomes e, de facto, fez esses **proclamos**, como se vê do documento que apresentou e que se acha a fl. 2)3.

Mais tarde, appareceu-lhe um **rapaz novo**,

que não conheceu, nem conhece, perguntando se podia **casar** sem **dispensa**, com uma rapariga, que se dizia **filha** de um parente seu, sua **prima** ou **sobrinha**, porque não está agora bem certo d'isso; e elle testemunha informou-o de que —se eram publicas essas relações de **parentesco**—lhe corria a obrigação solicitar **dispensa**.

O mancebo retirou-se e, n'essa occasião, o seu coadjutor ou outro individuo, tambem presente disse:—«provavelmente este era o rapaz que queria casar com a filha do **Pandilha**»—algunha porque era conhecido o Gomes, como é sabido. (V. fls. 187 v.º e 188).

Mais tarde, fallecendo o Gomes, ouviu dizer que elle deixára uma **filha**; e a diferentes pessoas tem ouvido dizer que essa **filha** é justamente a Auctora n'esta causa (V. fl. 188 e v.º).

Veio em 1896 para esta cidade e tem residido em rua distante d'aquella, em que morava o Gomes (V. fl. 188 v.º).

A 8.ª testemunha Rosa Pereira da Rocha, foi **ama** de um **primeiro filho**, que o Gomes teve da mãe da Auctora e frequentou, sempre, muito a casa d'elle como **serviçal** e, até, como **lavadeira** (V. fls. 189 v.º e 191).

A **pedido** do Gomes, foi buscar a Auctora a casa da mãe e, trazendo-lh'a, presenciou que a tratava por **filha**, que a **acarinhava** e **beijava**, sendo tambem por ella tratada por **pae** (V. fls. 191 e v.º).

Presenciou, tambem, que a Ré Angelica, que vivia com o Gomes, tambem **acarinhava** muito a Auctora e a tratava por **sobrinha** e, até depois da morte do Gomes, lhe disse:—«que se ella não herdava do **pae**, é porque este a não havia **perfilhado**, mas que bem sabia que ella era sua **sobrinha** e que alguma coisa se lhe havia de dar, se ella não desse á lingua» (V. fls. 191 v.º e 192).

Affirma que o Gomes lhe dissera, por vezes:—«que para a Auctora era o que tinha»; e que, por muitas vezes, **vira** que elle—em qualquer par

onde encontrasse a **pequena**—a **acarinhava** e lhe dava a **mão** a **beijar**, isto emquanto **creança** (V. fls. 192).

Depois que ella, já **moça**, regressou a esta cidade, vinda da terra da mãe, só **viu**, por **tres vezes** e em diferentes ruas d'esta cidade e ainda no estabelecimento do Gomes, dar-lhe este essas demonstrações de **pae**, recebendo e correspondendo ao **tratamento** que ella lhe dava, tratando-a como **filha** e dando-lhe a **mão** a **beijar** (V. fls. 192 e v.º).

Presenccou o Reu Francisco Salles ser tratado pela Auctora por **tio** e dar-lhe elle a **benção** (V. fls. 193 e v.º).

O Gomes disse-lhe, por diferentes vezes, que havia de **perfilhar** a Auctora (V. fls. 194).

No **publico**, sem voz em contrario, é **tida e tratada** a Auctora como **filha** do Gomes e não lhe resta a menor duvida a este respeito, até pelas **parecências** d'ella com o pae, que são **muitas** (V. fls. 194).

Ouvin dizer ao Gomes que a queria internar n'uma **casa de educação** (V. fls. 194).

A fls. 197 deu como **presencial** do occorrido na loja do negociante Araujo, o **tabellião** Alves—que se havia referido a esse facto pela bocca d'aquelle negociante—acrescentando que elle havia censurado o procedimento do Reu Francisco de Salles.

No auto de **acareação** de fls. 208, acha-se explicada, satisfatoriamente, essa **apparente contradicção** entre as duas testemunhas, **confirmando** o **tabellião** Alves o seu depoimento, mas declarando:—«que era possivel que, antes ou depois da occorrença de que se trata, dentro ou fóra da loja do dito Araujo, houvesse visto a testemunha Rosa Pereira da Rocha e que ella, confundindo-se, suppozesse tel-o visto como **presencal** de facto, pois vivia, então, nos altos da casa, onde o negociante Araujo tem o estabelecimento e

costumava frequental-o assim como os vizinhos, vindo, ás vezes, até lá, sem chapéu e em chinellos, assim como estava no seu escriptorio».

A testemunha Rosa Pereira da Rocha, mais reflectida, disse:—«que se recorda de que o **tabellião** Alves não estava, effectivamente, **presente**; mas que lhe parece ter **ouvido dizer** que elle dissera que a rapariga tinha **razão**, sendo certo recordar-se, tambem, de o ter **visto**, n'esse dia fora do alludido estabelecimento.

Com esta prova solemnissima e que—se mais larga não foi—é porque a lei não permittia que se inquirissem mais testemunhas, como se declarou a fls. 182, não pode deixar de se haver como plenamente provada a

posse de estado, como a lei o exige, ou seja: o **facto** de a Auctora ser **reputada e tratada** como **filha** do finado Antonio José Gomes, por **este**, por **pessôas** de sua **familia** e pelos Reus Angelica e Francisco e pelo **publico**, que nunca lhe attribuiu outra **paternidade**.

Prova legal da filiação

Mas haverá, realmente, **indicios** ou **conjecturas graves**, que convençam de que a Auctora é, effectivamente, **filha** do **pae**, que se attribue?...

Ha tantos quantos, no caso sujeito, é licito exigir e admittir.

E' sabido que a **paternidade**, nem nas uniões legitimadas pelo matrimonio, póde demonstrar-se **physicamente**.

Assenta—como muito bem observa o sr. Dias Ferreira, no vol. 1.º do seu commentario, a fls. 173—na **presumpção**, deduzida da **mutua fidelidade** e da **cohabitação** dos paes.

Teve o **pac** da Auctora essas **relações** com a **mãe** d'ella?...

Guardou-lhe esta a devida **fidelidade**?...

E' cousa sôbre que não pôde haver a menor duvida á face da prova ahí produzida, que foi, a tal respeito, de uma sobejidão, capaz de satisfazer os mais exigentes.

Todas as testemunhas á excepção da setima, por não ser a este respeito perguntada, visto achar-se ha pouco tempo n'esta cidade, asseveram que: —eram **constadas as relações**, que houve entre a mãe da Auctora e o finado Antonio José Gomes, e que este a **zelava** muito, não a deixando sair de casa, senão sob a sua immediata inspecção e poucas vezes (V. fls. 90, e v.º 95, 97, 98, 99 v.º, v.º. 115 v.º, 128, 134, 152, 153, 175 v.º, 189 v.º, 190 e 194).

Foram **amigos visinhos e serviços** do Gomes, conhecedores do seu viver intimo, quasi testemunhas de **visu**, os que fizeram essas afirmações.

Os proprios Reus—longe de negarem este facto—**confessaram** que effectivamente a mãe da Auctora tinha tido essas **relações** com o finado Gomes (V. art. 2.º da contestação), e essa **confissão** foi-lhes **accelta**, para todos os effectos, nomeadamente para os do § 1.º do art. 233 do Cod. do Proc. Civ.

As suas testemunhas tambem não poderam deixar de reconhecer esse **facto**, apesar da vontade e empenho que algumas manifestaram em encobri-lo (Vide fls. 217 v.º, 218 v.º, 219 v.º, 222 v.º, 234 v.º, 235, 237 e v.º, 238 e v.º, 251, 252, 255, 263, 264, 265 v.º, 266, 281 v.º, 295).

Que a mãe da Auctora, emquanto esteve na companhia do Gomes, lhe guardou sempre a maior **fidelidade** e se dedicou, com o maior zelo, á **administração e augmentos** da casa:—é um

facto, que ahí poseram á evidencia todas as testemunhas da Auctora, á excepção da 7.^a pelo motivo precedentemente indicado. (V. fls. 92 e v.^o, 99 v.^o, 117, 128 e v.^o, 134, 153, 175 e v.^o, 189 v.^o).

Nem outra cousa é crível, attendendo a que o finado Gomes mantinha com a mãe da Auctora, e dêz ha bastante tempo, essas **relações**, tendo já tido um **filho** d'ella, de nome José, cuja **creação** e depois o **funeral** pagou, e sendo—como, aliás, o mostrou em toda a sua vida de grande **trabalhadôr** e como o asseverou a testemunha de fls. 128 v.^o—um homem **briloso** e incapaz, pelo seu **feitio**, de **transigir** com o procedimento, por ventura menos correcto da mulher, que era, alem de **amante**, a **administradora**, zelosa e dedicada, da sua casa e que, «lhe **ajudára a ganhar muito dinheiro**», como disse a propria testemunha dos Reus que depôz a fls. 217.

Mas—por muito baixo de sentimentos que elle fosse—não se acredita, por não ser humano, que não se sentisse ferido com as **infidelidades** (sic.) da **mãe** da Auctora, se por ventura ella as commettesse, attentas as incontestadas **relações de intimidade** e o **interesse**, que dedicava á **economia domestic** . ou aos **augmentos** do casal, exactamente como se fôra uma **mulher casada**, na phrase da testemunha que depoz a fls. 134.

«Mas—objectam—a **mãe** da Auctora foi **posta na rua**, apenas o finado amo teve **conhecimento** do seu **estado de gravidez**».

Pois, só nos ultimos dias, teve conhecimento d'esse **facto?!...**

E, quando ella appareceu **gravida** do outro **filho**, pol-a fora?!...

Qual historia!... Pagou-lhe, aliás, as **creações** e o **funeral**, como o asseveram as testemunhas, nomeadamente as que deposeram a fls. 110, 116, 134 e v.^o, 152, 175 e 190.

Quando se approximava o nascimento da Auctora não a **pôz fora**, não.

Viu-se forçado a annuir á vontade, que ella— a **mãe** da Auctora—energica e pertinazmente manifestou, sempre, de **crear a seus peitos o filho** ou **filha** que tivesse, como lhe havia protestado, quando foi da morte do primeiro **filho**, de impressionada e commovida que ficou com esse acontecimento e tanto mais quanto é certo que, já então, tivera desejos de o crear.

Mas continuou a frequentar-lhe a casa, a fornecer-lh'a de **cereacs e generos** para o **negocio** e para o consumo e a ter com ella, em summa, as mesmas **relações**, durante alguns annos.

Foi o que affirmaram, tambem, ahi, as testemunhas, com perfeito conhecimento de causa, nomeadamente as que deposeram a fls. 91 v.º, 97 v.º, 116 e v.º, 135, 146 e v.º, 152 v.º, e 190 e v.º.

O Gomes tentou, inclusivé, **oppôr-se** á sahida da **mãe** da Auctora, fechando-lhe até a **roupa**, como o declarou a testemunha **visinha**, que depoz a fls. 135; e chegou a **pedir** á **antiga serviçal e ama** do primeiro **filho** «que a persuadisse a voltar para a sua companhia», como se vê a fls. 191.

Elle o que não podia ver era a **mãe** da Auctora alliançada ao homem, que hoje lhe é marido, como o declarou o **tabellião** Antonio José Alves a fls. 176 e como se deprehende do depoimento do negociante Francisco Joaquim de Souza, testemunha dos Reus a fls. 178, o qual declarou que nem a **mãe** da Auctora nem o **marido** se davam com o Gomes, chegando este a dizer, a respeito d'elles:—«que nada queria com tal gente».

Isto e a **ausencia** da Auctora para Moledo explicam a **intermittencia** e uma **certa friêza** ou **reserva**, por parte do finado Gomes no **tratamento** dispensado á **filha**, que—segundo declarou ao tabellião Alves—«não seria por elle **perfilhada**, emquanto estivesse na companhia do

«refinadôr»—assim designava elle, com desprezo, o **padrasto** da Auctora (V. fls. 176).

Não pôde, pois, duvidar-se de que a Auctora é justamente **filha** de quem—na sua **infancia** e ainda depois de **moça**—sempre a **tratou** e **reputou** como tal, quer em familia, quer em **publico**, chegando a fallar ao referido **tabellião** Alves em **reconhecê-la** solememente, como a citada testemunha declarou a fls. 176 e v.º.

Assim—provados os **tres requisitos** de que, segundo o parecer dos mais exigentes, está dependente a procedencia da **acção de investigação de paternidade illegitima**—bem podiamos pôr por aqui ponto, plenamente tranquilos, com referencia ao exito da presente causa, se, emfim, os deveres do cargo e—mais do que isso—a muita consideração, que nos merece o nosso douto adversario, nos não fizessem força para fazermos algumas considerações acerca da **defeza** e da **prova**, que os Reus **lhe fizeram**.

A defeza e a sua prova

A **defeza**—confiada a um dos mais experimentados e sagazes causidicos da provincia—explorou, á falta de melhor:—

a) o conhecido recurso de **mau comportamento e infidelidades** da **mãe** da Auctora; e, depois disso,

b) entrincheirou-se na **negativa** de que esta jámais fosse tratada como **filha** do Gomes, quer por **este**, quer pelos **parentes**, quer pelo **publico**,

concluindo, assim, pela **inadmissibilidade e improcedencia** da acção.

Quanto á **primeira parte** da **defeza**, a prova produzida pelos Reus não pôde, de forma algu-

ma, defrontar-se com a prova, conteste e vigorosa, da Auctora.

Vejamol-a, a ligeiros traços.

A primeira testemunha Antonio Maria Baptista Camacho—apesar da sua respeitabilidade—não pôde deixar de ser **suspeita** de um **grande fraco** pelos Reus.

Senão veja-se:—

O finado Gomes mereceu-lhe sempre uma particular **consideração** (V. fls. 214 e v.º).

A razão d'essa **consideração** deixou-a trahir a fls. 216 e v.º:—«foi, pelo menos algumas vezes, servido **eleitoralmente** por elle»...

Mas, alem d'isso, a fls. 217, declarou as razões que tanto o prendiam ao Gomes, como, de certo, o prendem aos Reus:—

—«elles são, todos, filhos de **antigos cazeiros** da caza de seus paes, sendo o finado Gomes **añlhado** de uma irmã e de um tio».

...E, afinal, a testemunha limitou-se a referir umas **declarações** do Gomes, uns **ditos vagos**, que bem podem explicar-se, até, pelos despeitos d'elle ou pela conveniencia em occultar á testemunha, como **auctoridade**, a **parte** que lhe cabia no **estado**, em que se encontrava a **mãe** da Auctora, quando, ao mesmo Gomes, a testemunha fez os **avisos**, de que fallou no seu depoimento.

«Não **frequentava** a casa do Gomes, e só lá foi procural-o, algumas vezes, por **motivos electoraes**»... (fls. 216)

Não é, sem questão alguma, uma testemunha, que esteja ao facto de como as coisas se passaram, que possa depôr, conscientemente, a tal respeito e, muito menos, sobrelevar as que ahi deposeram pela Auctora, com perfeito conhecimento de **causa**, como **visinhos** e **familiares**.

A 2.^a testemunha—D. Rosa Dias Correia Braga—é, igualmente, suspeita, pelos motivos que lhe foram arguidos a fls. 230 v.º e 231 e que ella, em parte, **confessou** a fls. 232 v.º e 233.

Em todo o caso, o depoimento d'ella—descontada a sua **suspeição** e **parcialidade**—contem algumas afirmações, que fundamentalmente aproveitam á Auctora.

Diz: «que—quando foi do projectado casamento entre a Auctora e o **sobrinho** do finado Gomes—ouvira fallar em que esta era **filha** d'elle». (V. fls. 218 v.º e 221).

Falla n'umas **insistencias** com o Gomes, alludindo á **filha**, as quaes—combinadas com a communhão, soffrivelmente suspeita, de **mora-dia** e de **comes e bebes**—explicam, tambem, a **animosidade** que a testemunha manifestou por tudo quanto pertencesse á mãe da Auctora...

Vox populi vox Dei...

O que é certo é que só ella e a creada Christina, a 4.ª testemunha, cá vieram referir essas **secnas** de **interior**, essas **conversas intimas** e, por signal, bem **obscenas**, para se entreterem com senhoras e com raparigas de 20 annos!...

E as **negativas** do Gomes—deu a razão d'ellas, precedentemente, a testemunha da Auctora, que depôz a fls. 147 v.º e 148, dizendo:—«que elle nunca se occultava de dar á mesma Auctora o tratamento de **filha**, senão na presença das **raparigas**, a quem pretendia cortejar ou namorar e que algumas vezes lhe diziam:—o sr. tem uma filha»...

Se essas negativas traduzissem a verdade e se, no fundo do depoimento d'esta testemunha, não houvesse **interesse** ou **animosidade**, certo cá viriam depôr, tambem, o **filho** Estevão Correia e a **irmã** D. Josefa Correia, que ella disse terem assistido a essas conversas e, tambem, a **no-ra** D. Adriana de Magalhães, que a creada Christina mencionou como egualmente **presencial** (V. fls. 221 e 254).

Adiante, pois, que nem tanto valia o depoimento d'esta testemunha.

A terceira testemunha—Manuel Pereira de

Mello Ferreira—produziu um depoimento que a enveigonha.

A' parte as razões de **suspeição**, que lhe foram oppostas em **contradita**, essa testemunha—tendo a desfaçatez de vir dizer a juizo que tivera **relações ilícitas** com a **mãe** da Auctora—nenhum credito mereceria, pelo muito que tinha de repugnante, baixo, e infame o seu procedimento, ainda que verdadeiro fosse o que relatára, attenta, demais a mais, a circumstancia declarada de se dizer **amigo** do Gomes!... Que **amigo** este!...

Quem tem qualidades de homem, e homem crêdôr de respeito e consideração, não pratica actos d'esses, nem tem o despejo de os vir revelar.

Enoja tanto **cynismo**.

Faltou-lhe dizer que a mãe da Auctora se lhe queixou da **gravidez** ou lhe **attribuiu a paternidade!**...

Lá n'essa não cahiu elle, apesar da encomenda constada...

Foi, até, dizendo que essas **relações** as tivé-ra ha 22 ou 23 annos, sabendo que a Auctora tem pouco mais de 20 (V. fls. 236 v.º e 237.)

A fls. 236 passou, entre cauteloso e velhaco, **attestado de bom comportamento á mãe** da Auctora, depois de **casada**.

Hade ella ganhar muito com isso...

E, emfim, a **incoherencia!**...

Pois não é natural que—sendo ella, agora, **honest**a como **casada**—o fosse, tambem, quando viveu com o Gomes, fazendo verdadeira vida de **casados**, tendo, até, talvez a esperanza de vir a legitimar essa união e, emfim, a **vigilancia** d'aquelle e o seu **dinheiro** a impôrem-lhe e a indicarem-lhe, como de primeira conveniencia, um **bom comportamento?**...

Abandonemos esta **montureira!**...

A 4.^a testemunha é a Christina, creada da 2.^a testemunha e veio cá pela mão da **ama**.

Contou as mesmas coisás e—apesar das suas

apparencias de **candura**—não teve **peijo** de referir parte das **obscenidades**, suppostas ou verdadeiras, que **matisavam** as conversas d'ella e da **ama** com o Gomes...

... **Matiz** de bordel—é claro

Nem lhe esqueceu a celebre **historia da rua dos Salgueiros**, que as testemunhas dos Reus tiveram todo o cuidado em impingir, correndo parelhas, em questão de sentimentos, com os **inventôres** ou **insinuadôres** d'essa historia, capaz de fazer arrepios, ainda aos mais crassos, infames e devassos **mundanos** (V. fls. 119. 235 e 264).

Em todo o caso, sempre foi declarando que a **ama** disséra ao Gomes, a proposito de fallado casamento com a Auctora:—«então o sr. concorda no casamento de sua **filha** com seu **sobrinho**»? (V. fls. 253).

A **ama**, a fls. 222, teve o cuidado de não se referir á Auctora como **filha**; a «**rapariga**»—foi o que cautelosamente disse.

Tambem disse, a fls. 260 v.º, que o Gomes nunca declarara os nomes dos **amantes** que attribuia á creada.

Ocioso é ponderar que—se isso fosse verdade ou se ella tivesse **amantes**—outro teria sido o procedimento do Gomes.

A 5.^a testemunha—Antonio José da Cruz—não vive em **boas relações** com a **mãe** da Auctora, por **questões** que tem tido com ella, como **confessou** e não **falla** para ella nem para o **marido**, como o declararam as testemunhas de **contradicta**, que se lhe opposeram (V. fls. 266 a 269).

Impingiu a horripilante historia da **rua dos Salgueiros** (fls. 264), e pouco mais adiantou a não ser, em proveito da Auctora:—«alguem disse-ra ao Gomes que elle devia dar alguma cousa á Auctora, porque era do **seu sangue** (fls. 264); quando, morreu o Gomes, perguntára se elle não tinha deixado nada á **filha** (fls. 265 v.º); que nun-

ca ouviu dizer quem era o pae d'ella»... (fls. 266).

Dá vontade de rir!...

Então era, ou não, **filha** do Gomes?!... Tinha, ou não, ouvido fallar n'isso?!... Porque perguntou se o Gomes lhe deixára, ou não, alguma cousa?!...

Que tolices, que incoherencias!...

A 6.^a testemunha—Francisco Joaquim de Souza—**amigo** do Gomes, **insistiu** com elle e insistiu a **valer**, por diversas vezes, para que **désse** alguma cousa á Auctora.

Isto é significativo, demais a mais por partir esta iniciativa de quem, até, esperava ser **herdeiro** d'elle (V. fls. 276 v.^o e 277).

Afinal declarou:—«que se occupa pouco com as **vidas alheias**, de muito atarefado com os seus negocios; que chega a **ignorar** o que se passa na **rua** e que, ás vezes, só chega ao seu conhecimento **oito dias** depois, ou mais; mas que, ultimamente, sempre tem ouvido dizer que a Auctora é **fiha** do Gomes... embora outros digam que não» (V. fls. 278 v.^o).

A 7.^a testemunha—Thomaz Soares Borlido—é uma **2.^a edição**—porem mais incorrecta e boçal—da 3.^a testemunha.

Veio dizer, tambem, que—sendo **amigo** do Gomes—tivera' com a **mãe** da Auctora, sua amazia, **relações illicitas!**... (fls. 279 e v.^o e 281 e v.^o).

Mas—tambem sangrando-se em saude—foi dizendo:—«que isso se dera ha 23 para 24 annos, e que a **mãe** da Auctora não andava **gravida**, nem sabe que **apparecesse** em tal **estado**, e que **nunca** lhe **attribuira** a **paternidade** de qualquer **filho**» (V. fls. 281 e v.^o).

Sendo para assim dizer **visinho** d'esta **cidade**, vindo aqui amiudadas vezes (fls. 280 v.^o), nem soube dizer em que **rua** eram situadas as **casas**, onde inculca ter consumado o acto!..

Não o tinham preparado para tanto...

Para—á **infamia** e **falsidade** do seu depoimento—acrescentar também a nota de **contradictorio** com as proprias testemunhas dos Reus; declarou, a fls. 279 e v.º, «que o Gomes increpava a **mãe** da Auctora de **pouco zelosa** nos **interesses da casa** d'elle (!)», quando é certo que as de fls. 217 e 222 disseram:—«que o Gomes dizia que ella era muito **trabalhadôra** e lhe **ajudára a ganhar muito dinheiro**»!...

Não se lhe póde tocar por mais tempo, sem precauções antisepticas...

A 8.ª testemunha—José Rodrigues Parente—nada diz ácerca do ponto em questão:—**mau comportamento** e **infidelidades** da mãe da Auctora.

A 9.ª—Manuel Affonso Carvalhido—**nunca observou** nada em **desfavôr** da **mãe** da Auctora, mas ouviu dizer que ella se comportava mal (V. fls. 290).

Diz que o **sobrinho** do Gomes lhe declarára que a **mãe** da Auctora dizia ser ella **filha** d'aquelle (V. fls. 290 v.º); e, a fls. 291:—«que ella disséra que não havia entre a **filha** e o **primo** parentesco algum».

Isto é lá crível!...

Então, dizia, ou **não dizia**?...

Que **Hamlet** de tamancos, este!...

A fls. 293 v.º declarou que tinha ouvido alguma coisa ácerca do **parentesco** entre os **dois**.

A 10.ª testemunha—Antônio José Ferreira—**frequentadôr** do estabelecimento do negociante Souza—a 6.ª testemunha dos Reus.

Encontrava-se, ahi, muitas vezes com o Gomes.

Elle e o Souza e outros **caçoavam-no**, falando-lhe na **filha**. (**Note-se que o Souza, a fls. 277 v.º, negou esta circumstancia**).

Nas referencias do **publico**, a Auctora é **filha** do Gomes (V. fls. 295).

Fez ao marido da Auctora o **pedido** de 5\$000 rs., que elle lhe não **emprestou**; mas não lhe ficou, porisso, com má vontade.

E' um *santo*, não tem duvida...

Eis ao que fica reduzida a prova dos Reus, sobre a **primeira parte** da sua **defeza**:—**mau comportamento e infidelidades** da mãe da Auctora.

Depoimentos **difficientes, suspeitissimos, contradictorios** comsigo mesmo e **contraproducentes**—todos; **indignos de crédito**, por **infames e repugnantes**—os da 3.^a e 7.^a testemunhas.

N'estas circumstancias não são admissiveis hesitações, em face da **prova testemunhal** da Auctora, insuspeita, conteste e tersa.

Não declamamos.

E' o que ahi resalta dos autos—mais claro que um jorro de luz—a todo o observador, despreoccupado e justo.

Com referencia á **segunda** parte da **defeza**—impugnação á posse de estado—limitaram-se as testemunhas a declarar que não tinham **visto**, nem **ouvido reputar e tractar** a Auctora, por tal forma.

Teem, pois, aqui inteiro cabimento—como pondera o sr. dr. Neves e Castro, na sua **Theoria das Provas**, pag. 39, as velhas maximas:—

Magis creditur duobus testibus affirmantibus, quam mille negantibus; e... negantis factum, per rerum naturam, nulla est probatio.

«Mas—ha de objectar o nosso douto adversario—da circumstancia das testemunhas não verem, durante tantos annos, praticar **actos** ou **factos**, caracteristicos da **posse de estado**, infere-se que elles não se passaram na verdade, porque, se assim não fosse, certo os teriam **presenceado** alguma vez».

O argumento assenta n'uma **presumpção**, que tem de ceder á **verdade**, posta a toda a luz pelas testemunhas da Auctora, pela regra de direito de que **præsumptio cedit veritati**.

Além d'isso **Bonnier**—que em materia de provas é auctoridade de primeira grandeza—diz, acêrca d'estes **argumentos inductivos**, a fls. 37 do vol. 1.º do seu

Traité des Preuves:—...celui qui nie, n'est que trop souvent obligé d'avoir recours á des *inductions*, et alors sa position est moins favorable, non parce qu'il nie, mais parce qu'il fait reposer sa *preuve négative* sur des faits plus ou moins vagues. «Si *négativa indéfinita* probari non potest»—dit Cocceius—«id non inde est, quia *négativa*, sed quia *indefinita*; nec affirmativa indefinita potest.

E de facto, no caso sujeito, a **argumentação inductiva** cae pela base, porque, em opposição a essas **inducções e inferencias**, apparecem, pela frente, **factos precisos e não indefinidos e vagos, provados e não meramente presumidos e conjecturados**.

Não merece, n'esta parte, mais larga apreciação a prova dos Reus, inteiramente inefficaz e mormente defrontando-a com a prova da Auctora, refulgente de verdade.

Ainda assim pullulam, n'essa parte dos depoimentos dos Reus, **contradições, incoherencias, hesitações, meias palavras, a trahir a verdade e a retirar-lhes toda a força probatoria**.

Não pôde, pois, haver a menor duvida, quanto á **procedencia** d'esta acção.



Vae longa a nossa allegação, em consequencia do desenvolvimento que nos vimos obrigado a dár-lhe, pela complexidade da materia, de **direito** e de **facto**, a apreciar.

Cremos, em todo o caso, que não nos poderão arguir demasias.

O que se disse era necessario dizer-se.

A materia é que era exigente:—dava para um **livro**.

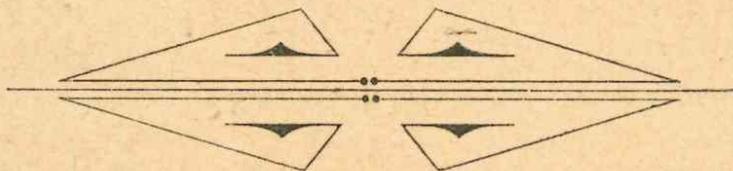
Pomos, pois, por aqui ponto, pedindo ao douto julgador o seu benevolo **supprimento** e que declare **procedente e provada** a presente **acção**, como é ahi geralmente reclamado por todas as indicações e razões

DE JUSTIÇA E DE MORALIDADE.

Barcellos, 21 de fevereiro de 1900.

O advogado,

Luiz José de Abreu do Couto de Amorim Novaes.





biblioteca
municipal
barcelos



60708

Allegação jurídica na acção de
investigação de paternidade

(E
3
N